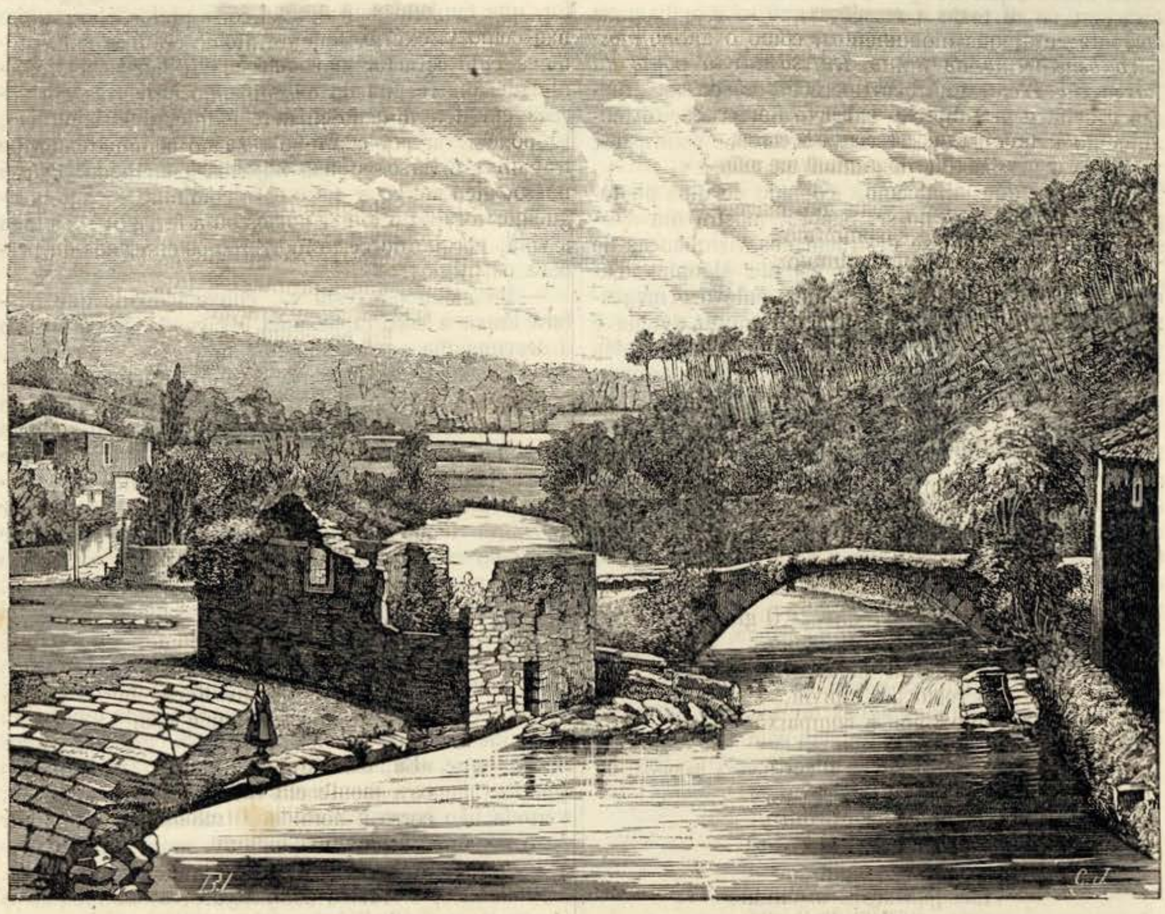


Paizagem nas visinhanças de Villa do Conde

AS MARGENS DO AVE

Já por diversas vezes nos temos occupado n'este semanario das bellezas naturaes que apresentam as margens do rio Ave.

São formosos todos os rios que atravessam a bella provincia do Minho, mas cada um d'elles se distingue por uma feição particular que lhe dá realce. No rio Ave essa feição consiste, a nosso ver, na multiplicidade de contrastes com que a paizagem varía de aspecto de espaço a espaço.

Aqui, vae o Ave apressado, correndo sobre leito inclinado e pedregoso, e por entre margens um pouco elevadas, d'onde se debruçam sobre a corrente diversidade de arbustos e penhascos musgosos.

Alli, divaga mansa e amplamente por meio de extensos campos em constante primavera, e que apenas debruam o rio com um pequeno combro revestido de plantas mimosas e de alguns arbustos, que não impedem que o ceo se retrate desaffrontadamente no seio cristallino das aguas.

Além, em vez de campos, são collinas, que vão subindo desde a beira do rio assombradas de denso arvoredo, subindo sempre assim e docemente, até que ao longe, já altos montes, mostram as calvas cabeças coroadas de enormes penedos.

Mais distante dasapparecem todos estes encantos e amenidades, e o Ave assume um aspecto carrancudo e severo. As suas margens, escarpadas e fragosas, não tem arvores nem arbustos que as defendam dos ardores do estio, nem plantas que interrompam a aridez d'aquellas fragas escalvadas, que parecem prestes a despenharem-se na corrente, que se quebra com impeto e sussurro contra os rochedos que lhe estreitam e cobrem o alveo.

Mas não tarda o viajante a sentir expandir-se-lhe de novo o coração á vista de risonha paizagem. Mais alguns passos adiante, e eis o Ave espreguiçando-se tranquillo e amoroso quasi sobre os prados viçosissimos que o vem festejar na sua passagem, engrinaldando-lhe as suas margens com as vides que trepam e se enlaçam nos carvalhos e castanheiros, até lhes penderem dos ramos mais altos em longos festões.

N'outras partes julgareis estar vendo um rio do novo mundo, não no cabedal das aguas, mas sim na riqueza e pompas da vegetação. N'esses logares encantadores são os bosques tão cerrados, que mal deixam aos raios do sol doirar furtivamente os fetos, a relva e os musgos que alcatifam a terra; e tão corpulentas e frondosas as arvores, que, apesar da largura do rio, se cruzam e o toldam em alguns sitios. As heras, depois de se abraçarem aos troncos annosos, envolvendo-os em um manto de perenne verdura, caem d'elles como para beijar o fugitivo Ave, cujo doce murmurio faz suave harmonia com o canto dos passaros que povoam aquellas florestas, e volteiam continuamente em numerosos bandos de uma para outra margem. E até para que o quadro não deixe de ter mais alguma similhança, embora fraca, com os grandiosos panoramas que nos offerecem os rios da America, as aves que mais abundam n'aquelles bosques sobresaem pela elegancia do porte, ou pelo matiz e viveza das côres, ou pelo mavioso do canto. São estas aves o *gaio*, o *melro*, a *péga*, o *peto* de verde plumagem (especie de *pica-pau*), o *guarda rio*, a *toutinegra* e o *rouxinol*.

Em fim, a grande quantidade de ribeiros e levadas

que vem lançar-se no rio, depois de terem regado e fertilisado infinidade de campos e prados; os numerosos açudes que a cada passo formam vistosas cataractas; as diversas povoações que se espelham na corrente; e alguns monumentos, como o antigo *mosteiro benedictino de Santo Thyrso* [1], e a *ponte da Barca da Trofa*, que bem merece por sua construcção esbelta e grandiosa o epitheto de verdadeiro monumento [2]; tudo isto accrescenta bellezas e contrastes, variando a perspectiva dos quadros.

A gravura que publicâmos, copiada de uma photographia da collecção do sr. Seabra, mostra um d'esses quadros, o qual se desfructa nas visinhanças de Villa do Conde. Embora não ostente algumas d'aquellas scenas da natureza de mais enlêvo e magestade, todavia retrata uma paizagem muito amena e pittoresca. De um lado levanta-se uma encosta toda vestida de arvoredo. De outro lado avistam-se os campos por onde o rio vae correndo e volteando, ora dividindo-os, ora encostando-se ás veigas e aos montes, como se procurasse a sombra das arvores que os povoam. Duas casas campestres; as ruinas de uma azenha; uma ponte de pedra, mas de fabrica humilde; o Ave, ao passar-lhe por baixo, debruçando-se, como um vasto lençol, sobre o açude da arruinada azenha; e ao longe, lá no fundo, basto arvoredo fazendo caixilho, completam o ridente painel.

A pouca distancia está *Villa do Conde*, com os seus estaleiros de construcção de navios de pequeno lote, e com o seu sumptuoso *convento de Santa Clara* [3] mirando-se nas limpidas aguas do Ave, no momento em que se misturam e confundem com as do Oceano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 238 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 153 do vol. V.
[3] Vid. pag. 321 do vol. VI.

O QUE É A OBRIGAÇÃO

(CONTO POPULAR)

(IMITAÇÃO)

— Como vae, sr. Gaspar da Silveira?

— Não me sinto muito bom, sr. João Alvaro.

— Se v. exc. acreditasse em mim, não o pagaria com a saude. Por que não sae todos as manhãs para dar um passeio saudavel em quanto dura o bom tempo?

— Sáio nas manhãs em que tenho vontade; e n'aquellas em que não tenho vontade, como me succede hoje, deixo-me ficar em casa.

— Mas não é isso o que eu digo, sr. Gaspar da Silveira. Imponha-se v. exc. a obrigação de sair todos os dias, e verá como se restabelece.

— Pois hei de impor-me a obrigação de sair todos os dias?!

— Sim, senhor.

— Isso é o que não quero fazer; porque se me impozer a obrigação de sair, não sáio mais.

— V. exc. é incorrigivel! Tem uma tal philosophia que ninguem o comprehenderá.

— Olhe, meu amigo, *o que o berço dá*... Mas, passando a outro assumpto, a que devo o prazer de vêl-o por esta sua casa?

— Ao desejo de pedir-lhe um favor.

— Bem sabe que estou sempre ás suas ordens.

— Sei, sei, e por isso tenho receio de abusar. Lembra-se v. exc. do Antoninho, de quem já lhe fallei haverá alguns mezes?

— O filho do mestre Jacintho?

— Sim, senhor. O mestre Jacintho, como v. exc. sabe, era um dos meus melhores amigos. Quando falleceu prometti-lhe que não desampararia o filho, e assim o cumpri. Levei para minha casa o Antonio, que então contava dez annos; mandei-o educar conforme os meus teres, e destinei-o a uma profissão decente; mas o rapaz, apesar de não ter nada de parvo, nem lhe faltar boa vontade, não se adiantava nos estudos. Eu, que tambem sou alguma coisa philosopho, porém não como v. exc., vi que o Antonio era d'aquelles homens cujo caracter não póde subordinar-se á uniformidade que resulta do desempenho de certas obrigações em determinado mister, e que, pelo contrario, se póde levar por caminho rasgado commettendo-lhe trabalhos diversos e não sujeitos a methodo. Pensei n'isso, meu amigo, e disse para commigo: — Não obriguemos o rapaz a tomar pulsos ou a fazer libellos toda a vida, porque de certo morrerão os enfermos ou perderá os litigios.

— De modo que está v. convencido de que bastará impor a esse rapaz uma obrigação para que não a desempenhe ou desempenhe mal.

— Exactamente. Observei-lhe o caracter especial, quiz valer-me d'esta observação para o guiar pelo bom caminho, e um dia disse-lhe: «Antonio, não voltarás ás escholas, porque desejo encontrar-te emprego a que possas habituar-te.» O rapaz seguiu logo o meu conselho; mas está um homem como uma torre, e por mais que tenha indagado e pedido, ainda não pude conseguir coisa alguma, sr. Gaspar da Silveira, e vejo que o Antonio está lá em casa sem ganhar um real.

— Julgo, meu amigo, que esse rapaz deixará mal o que se interessar devéras por elle.

— Asseguro-lhe que não, sr. Silveira. O pobre Antonio anda como envergonhado entre os da sua edade, por ver que nem sequer ganha para a agua que bebe. Nada lhe falta em casa, é certo; sabe que não somos ricos, e que não lastimâmos, nem nos faz falta o pão que lhe dâmos; não ignora que o estimâmos muito, e ainda não haverá muito que trabalhei para o livrar do recrutamento; mas como é um moço grato e pundonoroso, isto mesmo o fará duplicadamente padecer.

— Conhecendo v. , João Alvaro, as minhas idéas ácerca do trabalho obrigatorio, póde avaliar a confiança que devo ter em que esse rapaz cumpra as suas obrigações.

— Afianço-lhe novamente que será pontual.

— E eu repito-lhe que não.

— Experimentemos. V. exc. ha de valer-me. Dê em sua casa alguma occupação ao meu pobre Antonio, ou empenhe-se com alguns de seus amigos poderosos a fim de que o empreguem.

— Será tudo baldado.

— Não será.

— Pois então diga ao rapaz que se me apresente ámanhã cêdo, e eu lhe arranjarei emprego na minha casa.

— Cá o tem. E desde já lhe agradeço muitissimo o seu obsequio. Continue v. exc. a ler os jornaes, em quanto eu corro a dar ao Antonio a boa nova do seu emprego.

— Vá em paz, meu amigo. Estou sempre ás suas ordens.

— O dito, dito, sr. Gaspar da Silveira. Não se esqueça da obrigação de dar todas as manhãs um passeio, e verá que ha de restabelecer-se.

— Sim, sim, mas não ha de ser por obrigação.

II

— Antonio?

— Sr. João Alvaro?

— Alegra-te, porque em fim deixarás o mister de passeiante na cidade.

— Que me diz?

— Digo que o sr. Gaspar da Silveira quer dar-te um emprego na casa d'elle.

— É possivel!... Não me engana, sr. Alvaro? Matar-me-hia por certo se esta novidade fosse zombaria.

— Havia de zombar comtigo, Antonio! Digo-te que ámanhã te apresentarás ao sr. Silveira e logo terás que fazer.

— Como poderei pagar tantos e tão repetidos beneficios?

— Sendo homem honrado e desempenhando-te pontualmente das tuas obrigações.

— Não hei de faltar nunca aos meus deveres. O que eu tenho padecido nos ultimos tempos, sr. João Alvaro! Quão pesada me estava sendo a vida! Parecia-me que na rua todos me apontavam como para exprobrar-me a vadiice em que andava e sem ganhar um real. Quando via passar por ahi todos os dias os pobres operarios que vão ganhar quatro ou cinco tostões para se alimentarem e aos filhos, tenho-lhes invejado a sorte, como elles podiam invejar a de um ricaço. Quando alguem me pergunta qual é a minha profissão, quizera que se me abrisse uma cratéra aos pés. Certo dia, sem me lembrar do que era, requestei uma joven, e fallei-lhe do amor que lhe consagrava; mas a primeira coisa que ella quiz logo saber foi a minha profissão, e eu fugi sem lhe dar resposta, confundido, envergonhado, quasi louco!

— *Aguas passadas*... Olha, Antonio, em minha casa nunca te faltou de comer, nem te faltará quando a adversidade te fira novamente. Conheço que para um moço da tua edade e brioso deve ser acabrunhador não ter officio nem beneficio; mas, se desejo agora que te empregues, é antes por tua causa que por minha. Amanhã, ás dez horas, apresenta-te, pois, ao sr. Silveira, toma cuidado com o que te ordenar, e cumpre-o como homem probo, porque os que o são, embora se diga o contrario, são unicamente felizes quando podem dizer: o pão que compro e o fato que visto são fructo do meu trabalho honrado; ganho para mim, nem sou um parasita no seio da sociedade, nem um zangão na colmeia do mundo.

— Tem razão, sr. Alvaro. Ninguem o sabe como eu; pois até a sua bondade e delicadeza confundem-me cada vez mais, e fazem-me sentir duplicadamente a minha inutilidade n'este mundo.

— Pois sim, sim; o que te desejo é fortuna, Antonio.

— Obrigado, obrigado.

E o mancebo chorou profundamente commovido.

(Continua) B. A.

A ILHA DE CHYPRE E AS SUAS ESTATUAS DE VENUS

Chypre é uma das maiores e mais ferteis ilhas do Mediterraneo. Os auctores modernos dizem que os gregos chamavam a esta ilha *Kupros*, o que contraria os etymologistas que pretendem que Chypre se derive de *chyprium* (cobre) ou de *cypros* (certa planta), ambas as coisas abundantes alli.

Está situada entre a Cilicia e a Syria. Tem de comprimento 375 kilometros, de largura 150, e de circumferencia 620. Goza de um clima temperado, de ares mui salubres, de excellentes aguas e de fructos saborosissimos. O seu terreno é de grande fertilidade. Cortam-n'o muitas ribeiras, e um rio mais caudaloso, denominado *Pedœus*.

Era celebrada na antiguidade pelas suas bellezas naturaes, pelas riquezas que o seu solo continha, e nomeadamente pela variedade e delicado sabor das suas frutas, pelo seu aromatico mel, por seus vinhos generosos, por suas minas de cobre, por suas pedreiras de finissimo jaspe, e, em fim, pela diversidade de pedras preciosas que sem muita difficuldade se descobriam no seu seio.

Tantas condições felizes não podiam deixar de ser elementos de prosperidade para a terra que as possuia. E com effeito, a ilha de Chypre chegou a ter perto de dois milhões de habitantes, e entre as suas povoações algumas cidades importantes, ornadas com magnificos edificios. As mais notaveis eram: *Salamis*, capital da ilha, sentada nas margens do rio *Pedœus*, e por longos annos governada pela posteridade de Teucer, irmão de Ajax; *Arsinoe*, decorada com o nome de uma rainha do Egypto; *Paphos*, *Amathus* e *Idalium*, celebres pelos seus sumptuosos templos de Venus; *Sole* ou *Soli*, edificada por conselho do philosopho Solon em uma formosa planicie, e logo povoada por gregos e indigenas; e *Citium* ou *Citeum*, fundada por uma colonia phenicia, que se vangloriava de ter nascido em seu seio o estoico Zenon.

Um paiz que assim floreceu ha tantos seculos, e participando d'essa brilhante civilisação que resplandeceu na Grecia primeiro, e depois em Roma, d'onde os seus raios iam illuminar, com luz mais ou menos viva, quasi todas as regiões do mundo antigo; um tal paiz forçosamente deve ter uma historia tão longa quão cheia de episodios interessantes. E não ha dúvida que tem; mas não nos permitte o espaço de que podémos agora dispor, que lhe tracemos aqui um quadro geral, ainda que seja resumido.

Diremos apenas que depois de ter estado dividida a ilha de Chypre em varios reinos, e de ter sido sujeita a diversos povos, Guy de Lusignano, sendo despojado do reino de Jerusalem, estabeleceu-se n'ella em 1192, governando-a com o titulo de rei de Chypre, que legou aos seus descendentes. Foi João II o penultimo soberano d'esta dynastia. Sua filha unica, herdeira presumptiva da coroa de Chypre, a princeza Carlota, casou com D. João, duque de Coimbra, segundo filho do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho do nosso rei D. João I.

Governou o duque D. João a ilha como regente, em vida del-rei, seu sogro; mas não chegou a cingir a coroa porque falleceu antes d'este, no anno de 1497, sem deixar successão.

Passou a segundas nupcias a princeza Carlota com Luiz de Saboya, conde de Genebra, filho de Luiz, duque de Saboya, e irmão do duque Amadeu IX. Succederam no throno a João II; porém, poucos annos depois, foram expulsos da ilha por um filho bastardo do defuncto soberano, que lhes usurpou a coroa. El-rei Luiz pouco tempo sobreviveu a esta catastrophe; e sua desditosa esposa, vendo-se sem meios de recuperar a sua coroa, fez solemne renuncia d'ella ao duque de Saboya, Carlos II. Desde então ficaram-se intitulando reis de Chypre os soberanos da casa de Saboya. Não tardaram, porém, os turcos a acabar com todas as questões, apoderando-se da ilha, e senhoreando-a até ao presente.

A decadencia de Chypre, que já tinha começado havia muito, progrediu sob o dominio musulmano com tanta rapidez, e chegou a tal ponto, que a população da ilha se acha hoje reduzida a uns oitenta mil habitantes, gregos e turcos. As suas antigas cidades são montões de ruinas, e dos grandiosos monumentos que lhes davam nomeada não restam mais vestigios que algumas estatuas ou fragmentos de esculptura, que modernamente tem sido descobertos em excavações casuaes, ou mandadas fazer por algum viajante apreciador de archeologica.

Porém, se lhe derrocaram todos os padrões da sua antiga civilisação, que recordavam a grande prosperidade que desfructou no tempo dos romanos, deixaram-lhe, comtudo, de pé os monumentos levantados pelos Lusignanos, que commemoram um segundo periodo de desenvolvimento, posto que menos brilhante, e que consistem, principalmente, em varios templos magnificos, sobrelevando a todos as soberbas cathedraes de Nicosia e de Famagusta.

Os formosos templos do paganismo, representantes de uma civilisação que desapparecêra, foram demolidos para edificar com os seus materiaes as egrejas christãs, symbolo da nova civilisação que se levantava sobre as ruinas da antiga, mas cujo brilho foi em breve eclipsado pelo crescente de Mafoma.

Sob a dominação turca logrou a ilha um genero de celebridade, que de certo a não compensou de tantas vantagens e riquezas perdidas. A doçura do seu clima incitou os musulmanos a promoverem alli a cultura das flores para a fabricação dos oleos e essencias aromaticas, e tanto se aperfeiçoaram n'esta industria, que alcançaram a subida honra de fornecer exclusivamente de perfumarias o harem do sultão, em Constantinopla.

Os turcos dão á ilha o nome de *Kybris*. Actualmente a sua capital é a cidade de Nicosia, que os turcos chamam *Lefhocha*, e que contém uns 16:000 habitantes. As outras cidades principaes são: *Limisso*, *Lascara*, *Sirori* e *Baffa*, que occupa o logar da antiga *Paphos*, onde se erguia o mais rico templo que havia em Chypre dedicado a Venus.

Padeceram tal devastação os monumentos de antiguidade d'esta ilha, que alguns archeologos que a visitaram ha pouco mais de vinte annos, debalde procuraram sobre a terra vestigios d'essa passada grandeza. Outros, porém, que seguiram depois as suas pisadas, mais perseverantes, ou mais diligentes, conseguiram descobrir preciosos restos d'aquelles monumentos que jaziam occultos nas entranhas da terra. Repetiram-se posteriormente eguaes tentativas, que obtiveram tambem feliz resultado. E se se procedesse a trabalhos regulares de excavações dirigidas convenientemente, a ilha de Chypre converter-se-hia, sem dúvida, em uma rica mina archeologica, interessante para a historia, e interessantissima para as artes.



Estatua de Venus

A nossa gravura representa uma estatua de Venus, descoberta, entre outras estatuas e fragmentos de esculpturas, em 1842, por uma commissão archeologica, presidida por mr. Renan, e da qual faziam parte um desenhador e um architecto.

Houve na ilha de Chypre, como dissemos, muitos templos de Venus, pois que era a esta divindade mythologica que os antigos chypriotas consagravam a sua maior veneração. A causa d'este culto especial provinha da historia fabulosa referir que a deusa da formosura nascêra na ilha de Chypre. Alguns auctores pretendem que não seja só essa a razão, mas sim tambem, e principalmente, a nimia propensão d'aquelle povo para as delicias do amor. N'este caso seria antes a propensão que se originaria do culto, e não este d'aquella, pois que não ha dúvida de que a fabula assignala a ilha de Chypre como patria de Venus. Todavia, dá-se uma circumstancia bem singular, e que vae pouco de accordo com a sensualidade attribuida aos antigos chypriotas. Vem a ser, que não sómente a estatua de que a nossa gravura é cópia, mas tambem outras da mesma divindade alli encontradas, representam Venus mais enroupada que a casta Diana; e não se tem achado uma unica que mostre a terna mãe do amor como Jupiter a fez nascer das espumas do mar, como a adoravam os pagãos, e como tem sido representada até hoje por todos os esculptores e pintores antigos e modernos.

Por conseguinte, se bem se attender ao recato com que os esculptores procuraram occultar as fórmas gentis da divindade, devemos tirar uma das seguintes conclusões: ou os antigos habitantes de Chypre faziam da sua adoração a Venus um culto religioso, puro de todas as idéas de sensualidade, ou as estatuas até agora descobertas n'aquella ilha não representam a deusa da voluptuosidade.

Entretanto, o que é certo é que o primor a que se pouparam os esculptores, deixando de delinear e esculpir as perfeições do corpo de uma mulher bella, empregaram-n'o não só na formosura e expressão da physionomia, mas tambem na graça e naturalidade da roupagem.

I. DE VILHENA BARBOSA.